

DO SEQUESTRO À LUCIDEZ: UM INSTANTE PARA O CAFÉ.

Fábio Luiz Partelli



São Mateus - ES
2025

Do sequestro à lucidez: um instante para o café.

Fábio Luiz Partelli

São Mateus - ES

2025

Copyright © 2025 By Fábio Luiz Partelli
Todos os direitos estão reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial.
Sanções Previstas na Lei no 9610 de 19.02.1998.

Arte de capa e diagramação:
BCLérison Ilustras & Design | brunocleriston.com.br

Partelli, Fábio Luiz.
Do Sequestro à Lucidez: um instante para o café / Fábio Luiz
Partelli - 1a ed. –
São Mateus, Espírito Santo, 2025.
68 p.

ISBN: 978-65-01-61146-4

1. Malária. 2. Tricafé. 3. Delírios. 4. Moçambique. Medita
ções. Sonhos.

CDD - 990

Dedicatória/Agradecimentos

Dedico este livro a minha esposa, Adriana Nunes Moraes Partelli.

Aos meus três filhos, Laís, Lázaro e Luiz Moraes Partelli.

Aos meus pais, aos demais familiares, aos amigos e aos amigos de amigos.

Aos profissionais da saúde.

Aos que oraram por mim, muitos sem sequer me conhecer.

Muito obrigado a todos.

Obrigado ao nosso bom Deus.

“Seja otimista e transmita alegria. Quando certo, é bom para você e para os outros e, sua alegria contagia.”
Fábio Luiz Partelli, 2025.

“Cada dia é um grandioso presente dado por DEUS a cada um de nós, assim, nunca permitamos que as dificuldades envenenem nossas atitudes.” Pensamos sempre positivo!!!
Fábio Luiz Partelli, 2004



Sumário

O SEQUESTRO	17
O sequestro e a intoxicação	18
O tratamento obtido com os traficantes	18
As pesquisas e o tratamento	20
As saladas de flores artificiais	21
A maior aflição da minha vida - dentro do hospital	22
Avanços no tratamento, pesquisas e fuga do hospital	23
A patente desenvolvida	25
O simpósio do produtor de Conilon	26
Sala de engorda	27
Técnica de comunicação que virou médica	27
O início da lucidez	27
CONTEXTO GERAL DO PROJETO E VIAGEM A MOÇAMBIQUE	29
Projeto em Moçambique	30
Missão em Moçambique - em agosto de 2022	31
ACONTECIMENTOS E PROCEDIMENTOS APÓS CONTÁGIO	35
A Malária	36
Primeiros dias após retorno, primeiros sintomas e consultas	36
A internação e permanência em hospitais	40
MOMENTOS MARCANTES DURANTE A INTERNAÇÃO	45
Aninha e a novela	46
Coleta de exames na medula	46
Cirurgia de urgência no braço	46
As agulhas	47

Micro-hemorragia no cérebro e na retina.....	48
Hemodiálise	48
A preocupação com o futuro	49
Os banhos sem chuveiro	49
Início das caminhadas	50
O tubo, a sonda e o pão de queijo do aeroporto	50
Sonho/pesadelo do meu filho	51
Os ratinhos e o diagnóstico	51
Visitas: cuidados e alegrias.....	52
Visitas dos meus filhos na UTI	52
Meus filhos com os avós	52
Notícias em TV e reportagens escritas	53
FAMÍLIA, AMIGOS E O APRENDIZADO	55
FOTOS GERAIS	59
Missões diversas em Moçambique	60
Livro de café de Moçambique	63
Paisagens e animais selvagens em Moçambique.....	64
Missão ocorrida em agosto de 2022	67
Os ratinhos.....	69

Prefácio I

Conheci o Fábio Luiz Partelli quando ele atuou como Diretor de Pesquisa na Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufes, onde eu trabalhei, entre 2000 e 2024, até minha aposentadoria, em julho de 2024. Posso garantir que tanto eu quanto os demais membros da equipe o consideramos o Diretor de Pesquisa mais proativo nesta função, com que tivemos a oportunidade de trabalhar.

Foi, para mim, motivo de grande satisfação ter recebido o honroso convite de escrever o prefácio deste livro, no qual ele nos dá detalhes sobre o grave problema de saúde que enfrentou após regressar de uma missão relacionada a um Acordo de Cooperação Técnica Trilateral entre Brasil, Portugal e Moçambique. Este acordo de cooperação tem o grande mérito de buscar levar o melhor da tecnologia do cultivo do café para um país pobre, que tenta dar maior envergadura à sua ainda incipiente produção cafeeira.

Há algo peculiar que não posso deixar de dizer: por outros caminhos, conheço também Moçambique, onde já estive em 2018 e 2019 como voluntário da ONG Fraternidade Sem Fronteiras, que realiza, no Brasil e neste e noutros países africanos, importantes ações humanitárias. Como se vê, há algo além do amor pelo desenvolvimento das pesquisas científicas que nos une: o amor pelo sofrido continente africano!

Voltemos ao livro. Segundo me relatou o Fábio Partelli, a motivação de escrevê-lo foi impulsionada pelas pessoas para quem contou os estranhos sonhos que teve durante a fase mais crítica da infecção de malária, pela qual passou. Muitas destas pessoas disseram a ele acre-

ditar que valeria a pena registrar num livro estas “experiências oníricas”, como parte do relato de seu enfrentamento deste grave problema, hoje plenamente superado.

O filósofo francês René Descartes, na obra “Meditações Metafísicas”, observa que “... não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono...”. Lendo os relatos oníricos presentes no livro não pude deixar de me lembrar deste alerta feito por Descartes. Enquanto sonhamos, tudo que está presente em nossos sonhos é real, por mais que sejam inconcebíveis em vigília. As “saladas de flores artificiais”, recorrentes em seus delírios noturnos, ainda que não existam em lugar nenhum do mundo, existiram no mundo de seus sonhos. E arrisco a dizer que talvez tenham sido fundamentais no seu processo de plena recuperação. Quem pode afirmar que não?

Uma guerra vencida, contra um inimigo aparentemente fraco, frágil, minúsculo, que se mostrou poderoso, mas não invencível. Importante na composição deste exército que derrotou a malária foi o papel de sua esposa Adriana, de amigos e parente. E sua determinação em seguir vivendo, para ver crescerem seus filhos.

Vida longa ao Fábio Luiz Partelli e sucesso pleno ao cultivo de café objeto do projeto “Desenvolvimento Sustentável do Café no Parque Nacional Gorongosa/Moçambique em Sistema Agroflorestal Integrado no Contexto da Deflorestação, Alterações Climáticas e Segurança Alimentar”. E que venham novos desafios, pois, se bem o conheço, sei que acredita que sem eles a vida se aqueça!

Escritor Antonio Rocha Neto

Prefácio II

Sonhos, delírios e realidades.

Fábio Luiz Partelli é professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) atuando no Centro Universitário de São Mateus, no norte do Espírito Santo. É um pesquisador brilhante (pesquisador nível I no CNPq) e construiu em cerca de 30 anos de trabalho um currículo invejável. É autor de mais de 240 artigos científicos (a maioria em periódicos internacionais). Publicou/organizou ainda 33 livros (a grande maioria livros técnicos voltados para a agricultura), 70 capítulos de livro e sete cultivares de café registradas. Seu foco de trabalho tem sido o café, desde o ensino médio, feito no MEPES (Movimento Educacional Promocional do Espírito Santo) que adota um modelo pedagógico adaptado às necessidades de atender às necessidades do ensino dos moradores do campo.

Fez os cursos de mestrado e doutorado na Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro (Campos dos Goytacazes - RJ) e desde seu ingresso na Ufes como docente (2010), Partelli criou fortes vínculos com o ensino de graduação e pós-graduação, já tendo orientado 35 trabalhos de iniciação científica, 24 dissertações de mestrado, oito teses de doutorado e sete estágios de pós-doutoramento. Faço esse pequeno relato do personagem para que o leitor saiba ‘com quem está falando’. Na melhor das intenções! Sim, porque ler um texto é dialogar com seu autor, mesmo que seja só em pensamento.

Pensamento! Uma faculdade tão importante e ainda tão pouco conhecida do nosso cérebro. O que é pensar?

Não existe uma definição simples. Mas podemos argumentar que ‘pensar’ é criar imagens e estabelecer diálogos com nós mesmos. É uma das faculdades mais importantes do cérebro. Aparentemente todos os animais superiores pensam, mas os humanos desenvolveram essa faculdade em maior extensão. Não sabemos ainda qual é a dimensão física do pensamento, mas sabemos que para isso há necessidade de interação entre dezenas de milhões de neurônios, células responsáveis por grande parte do que chamamos ‘faculdades superiores do sistema nervoso’: a linguagem, a memória e o pensamento.

Quando estamos acordados estamos sempre pensando porque nosso cérebro está em contínua atividade. Há pensamentos bons, outros ruins que incomodam, há aqueles que vão e voltam, aqueles nos dão alegria (e o coração pulsa mais forte), outros nos deixam tristes... Enfim, o pensamento ainda é um grande mistério por ser desvendado.

Nas minhas aulas de fisiologia muitos alunos já me perguntaram se ‘pensamos enquanto dormimos’. Eu sempre respondo que sim. Os sonhos representam as divagações da nossa mente enquanto o corpo descansa. Como pensamos enquanto dormimos, muitos sonhos se relacionam com as realidades presentes e passadas. Outros sonhos tentam vislumbrar realidades (reais e imaginárias) futuras.

Nesse livro, Partelli descreve os devaneios de sua mente enquanto convalescia de uma grave doença adquirida quando estava atuando em projeto de cooperação técnica em Moçambique. O tratamento exigia que fosse mantido sedado com medicamentos o que tirava seu cérebro do mundo real. Nesse estágio, que também ocorre no sono, nosso cérebro está solto das amarras que nos

prendem à realidade: o estado consciente.

Os leitores verão que os pensamentos estavam muito direcionados para as questões do trabalho, da orientação dos alunos, da família. Mas o corpo estava preso ao leito impedindo que os pensamentos se transformassem em realidades. É leitura fácil e divertida. Na primeira parte temos o devaneio. Na segunda, a realidade. Boa leitura!

Professor José Geraldo Mill

Prefácio III

Escrever um prefácio para seres humanos que mudam o mundo para melhor é sempre motivo especial de gigantesca satisfação.

O professor Fábio Luiz Partelli, pesquisador brilhante, mas além disso um educador, um professor cuja missão de vida está em além de descobrir comunicar para milhares esses conhecimentos que irão formando uma rede eterna de agregação de sabedorias. E isso significa a efetiva e constante luta entre as forças que criam e constroem com as forças opostas que atuam na destruição. Portanto, bem vindos todos as leis do universo, os conflitos da entropia x a sintropia.

Professor Fábio mergulhou no fundo da pesquisa, e foi além da motivação pelo nobre café. Fez jornadas nos sonhos, nas regiões ocultas dos cérebros, das mentes, e nos premia com esta obra.

Sair de certa forma da prisão das nossas mentes e permitir que possamos esvoaçar e voar pelos infinitos pontos do oculto do oculto, significa estimular a cada leitor no potencial superior da vida e na certeza de que quando nos dizem: “isso é impossível mais possamos acreditar na sua total possibilidade”.

O que seria sonho? O que seria realidade? Raul Seixas já cantou: “sonho que se sonha só é só sonho, sonho que se sonha junto é realidade”.

Estou junto nesse sonho professor Fábio. A grande pergunta da vida é: “o que você fazia quando estava lá? Presente não existe. Significa um instante que começa e termina no tempo exato da pronúncia dessa palavra: “instante”. Pronto, o novo instante não é mais o instante

anterior, e o instante posterior não será mais o que acabamos de pronunciar.

O passado nunca morre e sempre volta a cada instante, e a jornada do guerreiro está em transformar o presente, ou seja, cada instante, no resultado do futuro.

Essa realidade, esse sonho essa transformação: “Do sequestro à lucidez: um instante para o café”.

Espetacular leitura.

Cada letra um instante, na reunião das letras a jornada do futuro trazida ao presente. Este livro é um presente sensacional.

Boa leitura.

Prof. José Luiz Tejon
Escritor – autor de Best Sellers

O SEQUESTRO

O SEQUESTRO

Logicamente, não fui sequestrado, não havia salada de flores artificiais, desenvolvimento de patente e nem tentativa de assassinato, mas sim, delírios marcantes e inesquecíveis promovidos pela malária e suas graves complicações.

O Sequestro e a Intoxicação

Evidentemente, fui sequestrado. Não sei como, mas só me recordo de estar dentro de um grande espaço, na parte inferior de um grande navio. Era obrigado a consumir saladas artificiais de flores, que por sinal eram muito belas. Mas depois de uma semana me intoxicaram. Fui resgatado em alto mar, numa mega operação internacional em mares próximos a Macau - perto da China.

Devido aos efeitos da intoxicação, me lembro vagamente dos acontecimentos do dia a dia dentro do navio. Contudo, me recordo de terem três ou quatro homens de diferentes nacionalidades, na mesma condição que eu, também submetidos a cárcere privado e à obrigatoriedade de consumir flores tóxicas.

O tratamento obtido com os traficantes

Após o resgate, mesmo inabilitado, estava totalmente ativo e elétrico, tendo condições de ir à procura de uma cura, mesmo que fosse enfrentando alto risco. Avancei numa ação pontual, desesperadora, estranha e arriscada. Tinha que colocar um pedaço de metal raro/precioso dentro do meu peito (parte muscular do lado

esquerdo) para promover a cura.

A questão é que esse metal tinha que ser arranjado ou comprado com os traficantes de Vitória, capital do Espírito Santo. Fui ao encontro dos traficantes próximo a praia, num local perto do Shopping Vitória, indo no sentido da parte sob a terceira ponte, isso por volta das 21:00 horas. Um momento de muita tensão. Inclusive cheguei a obter o cordão com cor de prata de aproximadamente 35 a 40 cm de comprimento e composto de umas 50 argolas oval/retangular. Não cheguei a ter contato direto com os milicianes, mas me recordo que estava com o cordão nas mãos e pronto para fazer o procedimento de introdução do mesmo ao peito. Nesse momento estava armado e na tensão me retirei do espaço.

Ao me retirar desse espaço fui me deparar com uma zona de confronto entre bandidos/traficantes com a Polícia Militar, numa troca de tiros em um dos morros de Vitória, logo no início da subida do morro. Geograficamente, estava próximo aos bandidos e armado, atrás de uma barreira de concreto, tipo um muro baixo, porém me contive a não atirar nos policiais, pois sabia que eles estavam ali para defender a sociedade. Era muito confuso, pois em alguns momentos estava geograficamente ao lado dos bandidos e em outros ao lado dos policiais.

Depois, simplesmente, estava sendo chantageando (não sabia ao certo se era por um policial ou um miliciane). Estava dentro de um elevador, num prédio de aproximadamente 20 andares, no centro de Vitória, onde me ligavam me ameaçando de morte e ao mesmo tempo emitindo chantagens e ameaças de morte ou prisão. Essas ameaças estavam associadas ao sequestro, salada artificial de flores, com a forma em que consegui a corrente de metal e o meu envolvimento com os traficantes

para tal ação. Não conseguia sair do elevador por medo e às vezes o equipamento simplesmente não abria a porta. Por horas e horas, quase toda madrugada, eu estava constantemente recebendo ligações e ouvia vozes externas ao elevador. Muita aflição, agonia e tensão durante toda essa noite.

Durante todo esse momento, passava-se muita coisa pela cabeça (família e envolvimento com traficantes perigosos). A situação era tão “barra pesada” que nem quis envolver os amigos da Polícia Militar, um capitão da ativa e um coronel aposentado.

As pesquisas e o tratamento

Ao vencer toda essa aflição, e sem conseguir colocar o metal precioso no peito, fui parar em hospitais para fazer o tratamento da intoxicação no intestino e no estômago.

No primeiro hospital, eu fiquei numa parte baixa, tipo alvenarias pequenas no meio de uma praça do próprio hospital. Nele estava com pessoas da família (talvez meu pai – não me lembro ao certo). Queria sair do hospital, mas não me permitiam, pois queriam que eu ficasse, afinal estavam lucrando com minha internação. Queria sair, mas não tive ações concretas e, ao mesmo tempo afastaram as pessoas de mim. Foi um momento também de grande agonia, por não conseguir resolver os problemas.

Tinha que estar no hospital fazendo o tratamento devido à intoxicação provocada por saladas de flores artificiais. Ficava revessando em dois hospitais, que eram diferentes do primeiro já mencionado. Um hospital em Vitória, particular e mais moderno para fazer exames

pontuais e sofisticados. No outro hospital eu permanecia a maior parte do tempo, onde ficava para acompanhamento rotineiro e diário. Esse era um hospital da Polícia Militar, onde havia diversos convênios, inclusive de pesquisa com a Universidade Federal do Espírito Santo, e ficava numa cidade próximo a Vitória e na subida de uma grande serra, entre Vitória e Fundão. Meu deslocamento entre os hospitais ocorria algumas vezes no início do tratamento e era realizado com helicóptero. Não consigo me lembrar das viagens, pois parecia estar sempre drogado e dopado nesses momentos.

As saladas de flores artificiais

Depois, já quando internado, tive conhecimento de que essas saladas em formato de flores e com cores fortes eram um alimento moderno e “da moda” com vários investimentos de publicidade, inclusive festas com a elite e muita propaganda. Contudo, de uma forma camuflada, sem muitas informações, tendo forte apelo de glamour.

Nas propagandas tinha festas em coberturas de prédios, com essas flores disponíveis para alimentação junto com bebidas sofisticadas, tendo uma estrutura/decoração com as flores em cores fortes em maior tamanho. Logicamente as pessoas não sabiam que com o tempo podiam sofrer dependência química e intoxicação.

Além de problemas intestinais e debilitação de todo o corpo, a intoxicação pelas flores provocava alucinações, mesmo em tratamento. Inicialmente eram imagens de flores belas a todo momento, cobrindo todo campo de visão. Depois essas imagens eram acompanhadas de flores vivas, junto com vermes em movimento e depois imagem de flores escuras em processo de apodrecimen-

to e com imagem de vermes e esqueletos que inclusive se movimentavam.

Era agonizante, pois essas imagens apareciam ao fechar os olhos e de forma involuntária. Apenas com o tempo, passei a controlar essas imagens, passando a “vê-las” com frequência reduzida. Dois anos depois da intoxicação, ainda lembro das imagens, mas apenas quando me proponho a lembrar.

A maior aflição da minha vida - dentro do hospital

Nessa fase do tratamento, eu sabia que as flores eram uma droga e que podiam causar dependência, intoxicação e danos severos à saúde. Até aí tudo bem, o problema foi quando fiquei sabendo que um dos donos do hospital particular, em que eu estava em tratamento, estava envolvido com esse produto. A questão é que ele poderia ter conhecimento de que eu sabia do envolvimento dele, e assim poderia me mandar matar dentro do hospital.

Nessa noite tive a maior tensão da minha vida, pois podia ser assassinado a qualquer momento, uma vez que estava num hospital que ficava perto de uma montanha, perto de uma cidade do interior e praticamente isolado. Ficava num contêiner, em formato de paralelepípedo, com equipe médica até o início da noite.

Nesse contêiner ficava mais uma pessoa com problemas e tratamentos iguais aos meus. Tinha pelo menos mais dois contêineres similares e próximos ao que eu estava. Esse espaço era rodeado de vegetação, que podia simplesmente ser incendiada. Ou seja, alguém poderia colocar fogo na vegetação e eu poderia morrer queimado e/ou intoxicado pela fumaça, portanto, uma queima

de arquivo. Uma grande aflição durante toda a noite, que mesmo dopado tentava ficar ativo/acordado. Ao acordar, um grande alívio, pois estava vivo e acompanhado por alguém da família.

Avanços no tratamento, pesquisas e fuga do hospital

Posteriormente fui transferido para um quarto no mesmo hospital, onde permaneci por alguns dias, numa cama onde ficava amarrado praticamente todo o dia. Desta cama eu podia observar os estudantes de doutorado, mestrado e talvez de iniciação científica, sob orientação de pelo menos dois médicos/professores e pesquisadores.

Os estudantes/pesquisadores ficavam numa grande bancada em frente ao quarto. Me lembro que tinha um rapaz alto, magro e cabeludo que passava uma imagem de muita dedicação com a análise das amostras coletadas. Nesse ambiente eu também fazia hemodiálise, que era até tranquila, apesar de cansativa.

Existia um chefe das pesquisas que morava na área do laboratório do hospital, onde na sala de frente era a sala de jantar, mas tinha um certo isolamento de vidro entre os espaços. De vez em quando ele recebia pessoas da família e/ou amigos e ficava bebendo vinho e conversando com as pessoas, provavelmente sobre as pesquisas e o trabalho.

Essa situação de não poder sair do hospital, não poder tomar banho e muito barulho e iluminação durante toda a noite me provocava muita insatisfação e indignação. Não conseguia dormir. Queria muito falar com o chefe da pesquisa. Inclusive, numa noite eu gritava querendo

do falar com ele: “quero falar com o chefe da pesquisa”. Queria simplesmente sair, tomar banho, ser respeitado, mas ninguém atendia os meus pedidos. Numa ocasião fiquei cagado e me sentia assado. Nesse dia fiquei revoltado, pois estava colaborando com a pesquisa e mesmo assim era mal tratado e o chefe não me ouvia.

O chefe da pesquisa não quis falar comigo, mas nomeou um subchefe para conversar comigo (o profissional que tomava conta da hemodiálise). Depois de usar todos os meus argumentos ele decidiu não me liberar. Nessa circunstância fiquei chateado, tentei fugir do hospital, tive luta corporal (empurrões de mãos e braços) com as enfermeiras, mas fui amarrado e não consegui sair e nem tomar banho. Fiquei muito bravo e chateado. Meu primo estava me acompanhando, mas em vez de me ajudar cortando as cordas e me tirando do lugar, preferiu cumprir as ordens do hospital.

Sabia que estava num hospital numa cidade do interior, mas que poderia sair para dormir num hotel e poder voltar no outro dia. Poderia me deslocar de táxi ou na viatura da PM, uma vez que esse hospital era da PM, mas não tive essa possibilidade.

Sabia que estava colaborando com a pesquisa e que tinha que fazer hemodiálise. Contudo, poderia sair e continuar o tratamento fora da pesquisa, inclusive com acompanhamento dos rins com meu amigo nefrologista e ainda poderia acionar um outro amigo médico cardiologista. Porém, não consegui sair e acabei me conformando, pois no outro dia tudo voltava ao normal, e mesmo depois de arrumar tanta confusão todos os profissionais do hospital me tratavam muito bem, inclusive as enfermeiras com que tive atritos físicos.

A patente desenvolvida

Parte do tratamento estava relacionado a uma sucção no estômago, por meio de um tubo que se dividia em outros pequenos tubos, que sugava o fundo do estômago de forma mais eficiente que os equipamentos já existentes. As sucções eram realizadas algumas vezes ao dia, e por vezes saía uma gosma escura. Esse procedimento vinha acompanhado de outros procedimentos, como a hemodiálise e retirada frequente de sangue para análises.

Geralmente esse tipo de tratamento era realizado com tubo tradicional, mas o tubo que usava tinha sido desenvolvido pelos médicos/pesquisadores da Ufes, com minhas opiniões. Ele era mais complexo, com subdivisões, para melhorar a sucção da contaminação, ajudando de forma bem mais eficiente a limpeza e, consequentemente, a cura. A nova sonda tinha inclusive o meu nome – via meu nome no quadro do quarto junto com outros dados. Era bacana, pois tinha o meu nome, teve a minha participação. Era uma grande revolução nesse tipo de tratamento.

Os desenvolvedores da sonda queriam vender a patente para multinacionais de equipamentos médicos. Nessa negociação a porcentagem da venda da patente estava sendo negociada. Fecharam um acordo de dois por cento para a Ufes e comemoraram.... Ai eu pesei e comentei com quem estava ao meu lado: simplesmente, o Procurador da Ufes não vai aceitar/aprovar essa porcentagem tão baixa para a Universidade.

Apesar de um possível impasse, a apresentação do produto às empresas ficou de acontecer. Para isso, eu fui confortavelmente amarrado, tipo pendurado a ser direcionado/apresentado, pendurado num cabo giratório,

onde estava prevista a minha passagem em frente aos representantes das empresas. Essa apresentação não ocorria, não havia acordo. Minha esposa ao meu lado me dava apoio, pois eu estava agoniado.

Muitas vezes eu me perguntava e até questionava: por que não fazem uma lavagem ou até mesmo uma cirurgia para retirar as impurezas, prática que para mim era muito mais simples comparado a ficar absorvendo as impurezas.

O Simpósio do Produtor de Conilon

Nesse mesmo final de tarde e início de noite eu estava pronto para me deslocar de carro (minha esposa dirigindo) e ir para São Mateus, norte do ES. Afinal, no outro dia, logo pela manhã, aconteceria o 11º Simpósio do Produtor de Conilon, evento que organizo há mais de 10 anos. As horas passavam e nada avançava, e eu fazendo as contas, se ainda havia tempo para estar na abertura do evento.

Por fim, o tempo passou, entrando pela madrugada e não seria mais possível a minha chegada a tempo. Ainda na madrugada, um colega da Conab passou no hospital para me ver, mas não foi possível. Pensei, ele vai estar na abertura do evento, mas eu não. Em conversa com minha esposa, chegamos à conclusão que realmente não daria para estar na abertura do evento, pois já eram quase duas horas da madrugada e ainda estávamos no hospital. Mas tudo bem, o evento vai ocorrer sem mim e todos vão entender minha ausência. Assim, depois das conversas e opiniões eu fiquei conformado e tranquilo por não ir.

Sala de engorda

Em alguns momentos parecia que estava em salas “tido de engorda”, onde o gado recebia o mesmo tratamento. Também podia ter morte e até membros substituídos, a depender do desempenho. Permanecia agonizando, pois a alimentação era igual para todos, mesmo com demandas diferentes, e eu fazia parte desse processo e tinha dificuldade de entender como e porquê. Ao mesmo tempo ficava muito preocupado, mas quando o meu irmão (que é bom de cálculo e lógica - Valnei Marcos Partelli) viesse me visitar ele iria me ajudar a “decifrar” a lógica desses procedimentos, que ao meu entender não tinham lógica na engorda. Não havia nenhuma conexão lógica.

Técnica de comunicação que virou médica

Em uma ou duas ocasiões uma médica me atendia, mas o interessante é que eu a conhecia. Ela trabalhava no Setor de Comunicação da Ufes, como jornalista. Achei bacana ela ter se graduado também em medicina e lhe dei meus parabéns. Mas mesmo sendo “minha amiga”, ela me amarrava. Eu pedia para me desamarrar, mas ela explicava que tinha que realizar tal procedimento.

O início da lucidez

Uma grande história e muitas recordações memoráveis. Mas não são reais. Depois de dias de internação na UTI, veio a fase inicial de recuperação da lucidez, misturada com as lembranças do sequestro, flores artificiais e muito mais. Isso ocorreu logo após sair da intubação,

Do sequestro à lucidez: um instante para o café.

dias depois da internação em UTIs de São Mateus e de Vitória.

**CONTEXTO GERAL
DO PROJETO
E VIAGEM A
MOÇAMBIQUE**

CONTEXTO GERAL DO PROJETO E VIAGEM A MOÇAMBIQUE

Projeto em Moçambique

A atividade é relacionada a um Acordo de Cooperação Técnica Trilateral entre Brasil, Portugal e Moçambique para o projeto intitulado “Desenvolvimento Sustentável do Café no Parque Nacional Gorongosa/Moçambique em Sistema Agroflorestal Integrado no Contexto da Deflorestação, Alterações Climáticas e Segurança Alimentar”. O projeto foi iniciado em final de 2017 e concluído no final de 2023. Foram seis missões em Moçambique, na primeira fase do projeto. Essas ações, dentre outras, beneficiaram mais de 800 famílias de agricultores africanos. A meta foi alcançada, passando a ter uma produção sustentável de um café de qualidade e cultivado sob espécies nativas do Parque Nacional de Gorongosa, na Serra Nacional da Gorongosa, em Moçambique.

No início do projeto, a produção não passava de 1,5 toneladas de café por ano. Agora a produção é superior a 20 toneladas, com crescimento contínuo. No período, foram compartilhadas orientações técnicas e contribuimos com a formação de diversos técnicos de campo, mestrandos e doutorandos, numa região extremamente carente de recursos financeiros, de formação e de assistência. Também foi publicado o primeiro livro de café para Moçambique, além de diversos artigos científicos, dissertações e teses de pesquisadores moçambicanos, numa atuação em conjunto com Professores/Pesquisadores da Universidade de Lisboa.

Vale destacar que o Parque Nacional da Gorongosa é o principal espaço da prática para realizar safaris em Moçambique, tendo diversos animais selvagens, em condições de total liberdade, não havendo residências nesse espaço. Por sua vez, não se pode deixar de registrar que o projeto do café foi realizado na Serra Nacional da Gorongosa, um ambiente com quase duas mil famílias e livre de animais selvagens de grande porte, como leões, elefantes e rinocerontes.

A equipe executora do projeto é formada por pesquisadores/professores da Ufes, do Instituto Superior de Agronomia (ISA) da Universidade de Lisboa e pelo Parque Nacional da Gorongosa. Já a equipe de coordenação e financiamento é integrada pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), pelo Ministério das Relações Exteriores, pela Administração Nacional de Áreas de Conservação (Anac), pelo Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural de Moçambique e pelo Camões Instituto da Cooperação e da Língua de Portugal. A realização de uma segunda fase do projeto foi aprovada e está em curso por mais alguns anos.

Mais informações sobre o projeto podem ser encontradas em: tricafe.org e do Parque em: gorongosa.org.

Missão em Moçambique - em agosto de 2022

A Missão Técnica Brasileira ao Parque Nacional da Gorongosa, em Beira – Moçambique, teve autorização e registro em Processo digital interno da Ufes sob nº 23068.076191/2022-15. Liberação publicada no Diário Oficial da União em 09/08/2022 - Edição: 150 - Seção: 2 - Página: 30. Órgão: Ministério da Educação/Universidade Federal do Espírito Santo.

A viagem teve início num sábado, no aeroporto de Vitória - ES, às 08h40 do dia 20 de agosto de 2022, com destino inicial a São Paulo, aeroporto de Guarulhos, no voo da LATAM, número 3217. Depois de esperar horas no aeroporto de Guarulhos, um outro voo às 20h35, com destino a Doha – Qatar, pela Qatar Airways – voo QR 0780, com mais de 14 horas de voo, com chegada às 16h45, em horário local.

Depois de horas no aeroporto de Doha, outro voo, às 02h45 com destino a Maputo (voo QR 1361). Depois de todos estarem dentro da aeronave, tivemos que trocar de aeronave devido a problemas técnicos no avião. Todo esse procedimento atrasou o voo e permitiu sentir o calor e abafamento do deserto do Qatar. Decolamos ao amanhecer para Maputo. Com esse atraso perdi o voo previsto para Beira (11h50), tendo esse deslocamento mais tarde (17h30), pela Lan (voo 1056), chegando em Beira no início da noite, não sendo mais possível ir para o Parque Nacional da Gorongosa no mesmo dia (22 de agosto - segunda-feira) de avião.

Mesmo me prontificando em ir para o Parque Nacional da Gorongosa (PNG) na noite de segunda-feira ou na madrugada do dia seguinte, essa preposição não foi realizada. Assim, fiquei no Hotel em Beira, onde à noite me encontrei com um amigo de um orientado de doutorado.

No outro dia (23 de agosto - terça-feira), pela manhã, caminhei pela cidade de Beira, tendo inclusive adentrado numa grande feira próxima ao hotel. Depois do almoço me desloquei para o aeroporto, pegando um voo em avião de menor porte no início da tarde, com destino ao Parque Nacional da Gorongosa - PNG. Portanto, uma chegada ao PNG depois de três dias (mais de 72 horas). No dia 23

de agosto de 2022, houve a visita à Serra da Gorongosa pelos colegas da Universidade de Lisboa, Agência Brasileira de Cooperação 'ABC e Camões, acompanhada pela equipe do Parque.

No dia 24 (quarta-feira), na sede do PNG, tivemos reuniões de trabalho com toda equipe e apresentação das ações de 2022. Das 17h até as 20h, ocorreu a defesa de nosso orientado de mestrado - estudante moçambicano que fez mestrado na Ufes, com banco de dados coletados na Serra da Gorongosa. Presidi a banca (orientador), tendo uma professora da Universidade de Lisboa como membro de forma presencial e os demais membros da banca e candidato participaram de forma remota. Ao fim, o trabalho de dissertação foi aprovado.

Na manhã do dia 25 (quinta-feira) me desloquei de carro para a Serra Nacional da Gorongosa, onde realizei visita às áreas de secagem e processamento (na vila) e às diversas lavouras na Serra. Visita com acompanhamento da equipe para diagnóstico e recomendações nos manejos associados à cultura do café arábica. Nesta visita já levei as malas, para em seguida (ainda de dia) me deslocar de carro para a cidade de Beira - Moçambique.

A viagem demorou mais de 4 horas, numa camionete sem ar condicionado. Na beira da estrada tive a oportunidade de parar algumas vezes para degustar cerejas diferentes e comer uns “ratinhos”, que tinham bom sabor. Vi uma vez e relatei ao motorista. – “Se você comer eu também como”. Aí lascou-se, acabei comendo os ratinhos. O valor, praticamente irrisório, todo espetinho com uns seis ou mais ratinhos, custaram menos de R\$ 3,00 reais, menos de meio dólar (25 meticais – moeda de Moçambique). Chegamos na Cidade de Beira no final da tarde, com engarrafamento, chegando no hotel no início

da noite.

O retorno da missão iniciou na manhã (8:40h) do dia 26 de agosto de 2024, numa sexta-feira. Um voo (Lan TM 0101) de Beira para Maputo - Moçambique. Em seguida, outro voo (Qatar Airways, QR 1362) às 13:50h de Maputo, com destino a Doha – Qatar, com chegada por volta das 23h do mesmo dia/noite. Em seguida, já na madrugada (01:55 h) outro voo (QR 0779) na mesma companhia com destino a São Paulo. Chegando em Guarulhos, me desloquei para voo doméstico, chegando em Vitória por volta de 19h30 pela Latam, voo LA 3220. Minha esposa estava esperando e em seguida nos deslocamos para Vila Velha, na casa dos sogros, onde se encontrava toda minha família.

ACONTECIMENTOS E PROCEDIMENTOS APÓS CONTÁGIO

ACONTECIMENTOS E PROCEDIMENTOS APÓS CONTÁGIO

A Malária

De acordo com o Ministério da Saúde, a malária é uma doença infecciosa febril aguda, causada por protozoários do gênero *Plasmodium*, tendo o *Plasmodium vivax* (mais comum no Brasil) e o *Plasmodium falciparum* (mais comum na África) como as cepas principais. É transmitida pela picada da fêmea infectada do mosquito do gênero *Anopheles*, também conhecido como mosquito-prego.

A malária também é conhecida como impaludismo, paludismo, febre palustre, febre intermitente, febre terçã benigna, febre terçã maligna, além de nomes populares como maleita, sezão, tremedeira, batedeira ou febre.

No Brasil, a maioria dos casos de malária se concentram na região amazônica, composta pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Na região extra-amazônica, composta pelas demais unidades federativas, apesar das poucas notificações, a doença é de ocorrência mais rara, porém não pode ser negligenciada, pois a letalidade ocorre.

No Brasil, ainda não temos vacina para a doença (até início de 2025), tendo em poucos países africanos, ainda de forma experimental. Seu tratamento é relativamente simples, contudo, o diagnóstico deve ser rápido para evitar complicações e até mesmo morte.

Primeiros dias após retorno, primeiros sintomas e consultas

Ao chegar de viagem (noite de sábado – dia 28 de agosto) a família estava em Vitória, assim passei o resto do final de semana com a família em Vila Velha - ES. A família retornou para São Mateus e eu permaneci em Vila Velha/Vitória, por ocupar também o cargo de Diretor de Pesquisa da Ufes, retornando para São Mateus no dia primeiro de setembro (quinta-feira). Lembro vagamente que reclamei a um colega de uma leve indisposição, mas nada de mais, entendi como algo normal.

Na segunda-feira (05 de setembro de 2022) sai com a esposa de carro com intuito de divulgar o 11º Simpósio do Produtor de Conilon, realizando visitas e convites em algumas escolas rurais e famílias, passando por Boa Esperança, Chapadinha, Vinhático e voltando por Nova Venécia. Nessa ação, depois de dirigir mais de 200 km, me senti indisposto e levemente febril, fato que achei normal. Nenhuma indisposição, que me recordo, ocorreu antes deste dia.

Na terça-feira (06 de setembro de 2022) não me recordo de nenhuma indisposição. Nesse dia avançamos com um experimento de campo, próximo à divisa de Jaguaré com Vila Valério, um trabalho junto com nosso orientado de iniciação científica.

Na tarde do dia 07 de setembro (quarta-feira – feriado da Independência), devido ao aparecimento de indisposição e com temperatura de, aproximadamente, 37,5°C, fui até o Hospital mais próximo da minha casa, aproximadamente 700 metros. Fiz a minha ficha e, segundo a atendente, havia quatro pessoas antes de mim. Esperei por mais de 30 minutos e nada avançou na lista

de espera. Insatisfeito, solicitei o cancelamento da minha ficha e me dirigi ao outro hospital que ficava a uns 2 km da minha casa. Por sua vez, nesse hospital tinham mais de 10 pessoas a serem atendidas. Pensei, não foi boa ideia, vou esperar muito mais. Contudo, rapidamente (menos de 30 minutos) fui chamado para ser atendido.

Acho que foi a consulta mais rápida da minha vida. Acho que nem sentei na cadeira. Tipo ‘qual o problema’? relatei para médica (senhora de meia idade) que estava com uma indisposição e uma febrezinha e ela, em tempo recorde, fez um encaminhamento com solicitação de exames a serem realizados no outro dia.

No dia 08 de setembro (quinta-feira), saí cedo de casa, fiz as coletas de sangue em jejum para exames solicitados e em seguida fui direto para reconhecimento e marcação de uma área experimental próximo à rodovia que liga São Mateus a Nova Venécia - ES. Fui de carro próprio e levei uma orientada de mestrado comigo, e lá na área experimental, junto com outras pessoas, realizamos a marcação e retornei para casa antes do almoço. Nenhuma indisposição pela manhã, mas à tarde novamente veio a indisposição e corpo febril. Busquei ou baixei os resultados dos exames que indicou baixo nível das plaquetas. Dessa forma, no início da noite, fui novamente em busca de um atendimento médico.

Já com exames em mãos e um pouco pior que no dia anterior, me desloquei novamente ao hospital mais próximo da minha casa. Ao chegar, me deparei com uma reclamação generalizada das pessoas presentes na recepção. Assim, conclui que ficaria esperando muito tempo e me trouxe uma certa insatisfação. Optei em fazer uma reclamação por escrito, buscando a ficha do próprio hospital. Perguntei à atendente: ‘a direção verifica de fato

essas reclamações’? Ela respondeu que o diretor olhava tudo. Retruquei: - Pois, a reclamação é sobre a atuação dele enquanto diretor. Em seguida escrevi a reclamação em caixa alta e letras grandes, por acreditar que a baixa qualidade do atendimento estava relacionada a inabilidade da gestão. Algo do tipo: - Diretor bundão e incompetente que não resolve nada. Coloquei meu nome e assinei a ficha de reclamação e coloquei na caixa específica. Imediatamente me desloquei ao outro hospital particular da cidade.

Desta vez, fui atendido por um jovem médico, que me atendeu e viu os resultados dos exames. O médico optou por me encaminhar para tomar soro e levantou grande possibilidade de ser dengue. Foi adicionado bromoprida ao soro e esse medicamento me provocou uma reação colateral (tipo alergia) que desencadeou uma reação de fúria e uma grande vontade de tirar tudo (as mangueiras do soro) e sair correndo daquele lugar. Mas estava consciente e, logicamente, me contive e não sai correndo. Depois o médico relatou que possivelmente seria dengue, e que eu deveria me hidratar bastante e repousar. Relatei que tinha que finalizar o experimento e ele disse: “Cuidado, dengue mata”. Assim, na mesma noite acionei minha equipe de trabalho para montar o experimento no outro dia sem minha presença, e isso foi efetivamente realizado.

Nessa mesma noite um amigo, pesquisador da Embrapa, estava em São Mateus e me convidou para beber uma cerveja e conversarmos. Falei para ele que estava esperando uma consulta e depois mostrei a foto “tomando” soro na veia. Até me propus que, ao sair do hospital, poderíamos nos encontrar, mas não iria consumir bebida alcoólica. Ficou tarde, e ao sair do Hospital, fui direto para

casa. A noite já não tinha sido das melhores, mesmo assim dormi bem.

A Internação e permanência em hospitais

No dia 09 de setembro (sexta-feira), a indisposição, bem como a febre, já iniciou pela manhã e de forma mais intensa. Decidimos (junto com a esposa) ir ao hospital, depois de deixar os três filhos na escola. Assim, aproximadamente às 13h, chegamos ao hospital mais próximo de minha casa. Desta vez, por estar visivelmente debilitado e por ter sintomas de desmaio, fui rapidamente atendido. Realizaram algumas exames e coletas de sangue e em seguida passei a tomar soro na veia. Nesse momento, sabia que a situação já não era tão simples, pois a urina também estava escura, mas que provavelmente estaria na ativa na segunda-feira e tinha muita coisa para fazer.

Ao tomar o soro a reação de fúria descrita acima ocorreu novamente. Só que desta vez o soro foi retirado. Depois de esperar umas duas horas veio o desfecho: internação em UTI. Logicamente fiquei surpreso, pois para mim era uma simples indisposição e uma febrezinha. Pensei que poderia ser dengue hemorrágica e lembrei que o médico do dia anterior ter observado que dengue mata. Nesse momento dialoguei sobre algumas coisas com uma enfermeira (ex aluna de enfermagem da Ufes – São Mateus) e depois não me lembro de absolutamente mais nada. Mesmo dialogando com as pessoas, trocas de mensagens via telefone, não me lembro de absolutamente nada.

No dia 10 de setembro (sábado), as coisas foram ficando ainda piores. Estava na UTI e tinha direito de receber apenas uma hora de visita. O quadro clínico

foi piorando bastante, tendo diarreia e barriga inchada, além de outras complicações. Nesse dia recebi visita da minha esposa.

No dia 11 de setembro (domingo), piora clínica, suspeita de Covid e diversos exames. Só à tarde (mais de 50 horas de internação em uma UTI), que foi feita o teste de malária e em seguida introduzido de forma venosa a medicação. O teste foi feito por um funcionário da Fundação Nacional de Saúde - Funasa, que após o diagnóstico avançou com o tratamento. Nesse mesmo dia/noite fui intubado, passei a fazer hemodiálise e passei por vários procedimentos para me manter vivo. Nesse dia também recebi visita da minha esposa.

Nesse mesmo dia (não me lembro, mas me contaram), eu falei para minha esposa procurar três pessoas: Um médico cardiologista e amigo – parte médica, um diretor da Sesa – parte de doenças infecciosas e um amigo e Pró-reitor da Ufes – parte burocrática interna. Também brinquei com dois médicos, relatando a experiência em comer os ratinhos em Moçambique e que seria muito bom com uma Heineken. Logo após, fui sedado e permaneci em coma induzido.

No dia 12 de setembro (segunda-feira), seguido pelos dias 13 e 14 de setembro, permanecia em um estado extremamente delicado, com grandes riscos reais de morte. No dia 15 de setembro (quinta-feira), permanecia em estado delicado, contudo com sinais de melhora. Nesses dias, foi constatado que eu poderia ter um atendimento melhor, se fosse transferido para um bom hospital, na capital do Estado - Vitória. Tais procedimentos foram iniciados. Também nesses dias houve muitas reportagens em mídia espontânea (TV e sites).

No dia 16 de setembro (sexta-feira), passei a apre-

sentar maior estabilidade do quadro clínico, podendo ser então transferido para um hospital de Vitória. Mesmo o médico recomendando transporte aéreo, o plano de saúde encaminhou uma ambulância no final da tarde. Minha esposa não permitiu a transferência e, foi com ajuda de muitos amigos em busca do transporte aéreo. Apoio de diversas pessoas, mas prefiro não relatar para não haver erros de esquecimento.

No dia 17 de setembro (sábado), com estabilidade clínica, pronto para ser transferido, mas em função do clima/chuvas, não foi possível a aterrissagem da aeronave que vinha de Belo Horizonte – MG, na pista de São Mateus.

No dia 18 de setembro (domingo), com a melhora do tempo, o transporte aéreo foi realizado com sucesso. Saída de ambulância do hospital em São Mateus por volta de 11h30, para o aeroporto de São Mateus, e deslocamento em seguida para o aeroporto de Vitória num jato equipado com UTI, um piloto, um médico e um enfermeiro. Chegada no aeroporto de Vitória, e em seguida sendo transportado de ambulância para o Hospital Unimed Vitória, Complexo Integrado de Atenção à Saúde – Cias, chegando ao mesmo por volta de 12h40, na companhia de um colega do Crea-ES, que me acompanhou nesse trajeto.

Enquanto eu era transportado pelos ares, minha esposa fez o deslocamento por terra e dirigindo. Eu choraria toda a viagem. Nesse mesmo dia, no Cias já foi constatado infecção hospitalar e os procedimentos foram iniciados. Ou seja, mais procedimentos além dos já habituais, como hemodiálise e transfusão de sangue. Nessa ocasião houve campanhas de doação de sangue em Vitória.

Nessa noite, (e nas duas seguidas), não houve companhia durante a noite e permaneci totalmente inconsciente. Depois, comecei a ter interação com pessoas, e logo após tirar o tubo de respiração passei a ter consciência dos fatos ocorridos. Dois ou três dias depois houve retirada da sonda no nariz, usada para alimentação. Depois houve uma emergência no braço, necessitando de dois grandes cortes, que foi realizado por um cirurgião vascular.

Nessas ocasiões, na UTI por 30 dias, eram constantes diversos exames em equipamentos modernos, coletas de sangue, coleta de exame na medula, procedimentos de hemodiálise e a transfusões de sangue.

Apenas no dia 08 de outubro recebi alta da UTI e fui para o quarto no mesmo hospital. Permaneci até dia 16 de outubro no hospital. Realizei minha última hemodiálise na madrugada do dia 15 ou 16 de outubro.

No dia 16 de outubro recebi alta do hospital e fui para casa dos sogros em Vila Velha. Mesmo com a alta do hospital eu não me sentia bem de estômago (enjoo e dores). Na noite do dia 17 de outubro, depois de dores mais fortes no estômago, voltamos ao Cias. Ao ser atendido, o diagnóstico provável veio em seguida – problemas na vesícula, tendo que passar a noite no hospital.

No dia 18 de outubro, foi efetuado a cirurgia para retirada da vesícula. No dia 19 de outubro, permanência no hospital, em recuperação e acompanhamento médico. Depois de todos esses acontecimentos a alta definitiva veio no dia 20 de outubro de 2022. Devido a cirurgia e toda histórico hospitalar, a recomendação foi de permanecer na grande Vitória por pelo menos 10 dias.

**MOMENTOS
MARCANTES
DURANTE A
INTERNAÇÃO**

MOMENTOS MARCANTES DURANTE A INTERNAÇÃO

Aninha e a novela

Estava muito, mas muito emotivo no início da recuperação. Chorava por quase qualquer coisa. Chorava inclusive em ver a novela reprisada da tarde “Chocolate com Pimenta”, onde a Aninha - Ana Francisca (Mariana Ximenes) era humilhada pelos vilões da novela.

Coleta de exames na medula

Foi um exame tenso, inclusive quando a equipe conversava entre eles, e uma das falas que me chamou a atenção – pega a de 15... Putis, pensei, 15 cm.

Cirurgia de Urgência no Braço

Foi a maior dor que já tive por um longo tempo. Parecia um monte de facas perfurando todo o braço. O problema surgiu quando estava efetuando o procedimento de hemodiálise. Inicialmente o braço direito ficou ainda mais inchado e meio duro – ainda sem dor. Médico é alertado, mas não identifica o problema, e que depois faria alguns exames. Logo após, o problema aumentou e veio acompanhado com muita dor. Desta vez o médico identifica o problema e chama minha esposa no particular e percebi de forma evidente que existia um problema sério. Não me passou outra coisa na cabeça a não ser perder o braço e como seria viver sem o mesmo. Mesmo com aplicação (por duas vezes) de morfina a dor era

gigante, bem como a preocupação. Momentos depois, chega o cirurgião vascular, que me tranquilizou e avançou com o procedimento no quarto, pois era urgente, não havendo tempo para ir no centro cirúrgico.

De certa forma eu acompanhei o procedimento cirúrgico, ouvindo a conversa dos dois médicos presentes. Me adicionaram outro medicamento para relaxar e dormir, e aí entrei numa alucinação. Virei bonequinho de Minecraft, ficava dentro de um prédio de aproximadamente 20 a 30 andares. Ficava lá simplesmente relaxando e esperando o procedimento acabar e ouvindo a conversa entre os dois médicos presentes no quarto.

Foram realizados dois cortes no braço direito, um menor no antebraço e outro maior (quase 20 cm) no braço. O fechamento do corte necessitou de dois procedimentos plásticos. Numa dessas ocasiões, o médico cirurgião plástico e médico anestesista ficavam dizendo que um certo candidato à presidência da república era bom e me perguntaram o que eu achava e em quem eu votaria. Logicamente, pelas circunstâncias, claro que concordei com eles, mesmo discordando completamente, mas a “agulha” estava com eles.

As agulhas

Eram muitas e muitas furadas e ainda tinha a permanente. Era quase desesperador saber que teria a coleta de sangue em todas as madrugadas, depois de várias tentativas e furadas nos pés. Mais desesperador ainda, era quando precisar trocar a punção venosa.

Numa das trocas da punção venosa, houve diversas tentativas por volta das 19h por uma técnica de enfermagem. Reclamei e solicitei com todo cuidado e tran-

quilidade outro profissional. Ela não gostou, alegando que eu queria a troca por ela ser técnica. E eu lá sabia quem era enfermeiro de nível superior ou técnico e que não tinha absolutamente nada a ver com formação, mas simplesmente solicitei a troca para ter um/a profissional com uma visão diferente naquele momento. Depois disso, veio a chefe da enfermaria que relatou que voltaria depois. Voltou depois, por volta das 22h e tentou, tentou e tentou e também, depois de vários furos e tentativas, não conseguiu finalizar o procedimento. Foi tenso, solicitei para deixar para outro dia, usando todos os argumentos possíveis, e para minha alegria, foi permitido. No outro dia, bem cedo, antes da troca do turno, veio uma enfermeira e na primeira tentativa ela conseguiu fazer a punção venosa. Que alívio. Foi uma furada na parte de cima da mão, uns dois cm antes do dedo mínimo e dedo anelar – me lembro como se fosse hoje.

Micro-hemorragia no cérebro e na retina

Tive informação de que tive várias micro hemorragias cerebrais e também na retina. Com o tempo elas foram completamente absorvidas pelo organismo, não ficando nenhuma sequela.

Hemodiálise

Nas primeiras eu não me lembro de exatamente nada, depois, quando estava inconsciente, sei que fazia, mas não havia (não há recordação de) nenhum desconforto. Mas depois da lucidez, as dores e inconvenientes físicos e psicológicos vieram. Eram mangueiras de sangue circulando na minha frente, sondas profundas no

meu corpo e calafrios intensos. Depois, ficaram menos desgastantes e por menos tempo. Muitas das vezes eram acompanhadas pela transfusão de sangue.

Fiz minha última hemodiálise no quarto do hospital. Naquele dia, devido a problemas internos e prioridades de outros pacientes, tive o procedimento iniciado por volta das três da madrugada. Espero que tenha sido a última da minha vida.

A preocupação com o Futuro

Anemia crônica, transfusão de sangue e hemodiálise duas ou três vezes por semana. Não foi fácil por aproximadamente 40 dias, imagina pelo resto da vida. Dispensa comentários. Essas preocupações eram reais, afinal no início não se sabia o motivo da anemia crônica e não tinha certeza da volta do funcionamento dos rins.

Primeiro veio a informação de que casos crônicos de malária levaram a esses problemas e que a recuperação com o tempo é praticamente certa – o primeiro alívio. Mas ainda restava o não funcionamento dos rins. Apesar de um atendimento excelente no hospital (Cias), de toda equipe, inclusive com a “madrinha” (chefe da UTI), solicitei a visita de um amigo (meu amigo nefrologista e dos vinhos da terça-feira), que me tranquilizou, relatando que em breve os rins voltariam a funcionar, contudo, pensar, em não funcionamento dos rins, mesmo que seja baixa não é confortável. Poucos dias depois, ainda na UTI, vieram as primeiras urinas, confesso que foi uma das maiores alegrias da minha vida. Mesmo sabendo que ainda não estava bem, mas os rins estavam em fase de melhora, fato que aconteceu semanas seguintes.

Os banhos sem chuveiro

Esse trauma de não tomar banho já acontecia desde a fase dos delírios, brigas até corporais com as enfermeiras (fato que não aconteceu – pois mal conseguia levantar os braços). Logo no início da minha lucidez, os banhos não existiam em chuveiro e banheiro. A limpeza era feita com pano ou toalhas úmidas. Posso garantir: isso não é bom. Também foi uma grande alegria tomar um banho no chuveiro, mesmo que sentado numa cadeira de banho. Foi um dia, depois veio o procedimento no braço e tive que esperar mais uns cinco dias para iniciar os banhos na cadeira.

Início das caminhadas

Quando passei a ter lucidez, eu ainda não conseguia parar em pé, mesmo que apoiado. Foram fisioterapias, exercícios rotineiros e muita garra para avançar com a recuperação. Dias após, uma caminhada em torno da mesa central do corredor da UTI era uma maratona e uma grande vitória. Logicamente, minha musculatura estava muito frágil, mas foi se fortalecendo no hospital e depois em academia e no dia a dia.

O tubo, a sonda e o pão de queijo do aeroporto

Lembro-me da retirada do tubo, onde junto com a retirada veio um grande amargo. Depois ainda restava a sonda no nariz, usada para a alimentação. Quando o alimento vinha pela sonda o enjoo era certo, contínuo e duradouro. Por dias desejava a retirada desta sonda, para poder comer um pão de queijo de aeroporto. Feliz-

mente veio a retirada da sonda, mas o pão de queijo do aeroporto teve que esperar um pouco mais. Essa fase de adaptação da alimentação também foi puxada, garganta muito machucada (pelo tubo), estômago frágil, comida não preferida e enjoos frequentes.

Sonho/Pesadelo do meu filho

Não poderia deixar de registrar o pesadelo que meu filho caçula teve na madrugada (horário do Brasil) do dia 23 de agosto de 2022. Nesse mesmo momento estava caminhando pelas ruas e pela feira de Beira. No sonho/pesadelo eu ficava doente, ficando entre a vida e a morte.

Não sabemos o momento em que contrai a malária, mas pode ter sido na manhã deste dia-madrugada no Brasil.

Os ratinhos e o diagnóstico

A realização do exame de malária ocorreu depois que relatei aos médicos sobre a minha experiência de ter comido ratinhos em Moçambique – “benditos ratinhos”. Depois disso foram investigar a possibilidade de ser malária.

Outra grande sorte, ou “mãos de Deus”, foi o telefone do funcionário da Funasa tocar e alguém atender. Era domingo e o mesmo estava no Nativo (interior de São Mateus-ES), local de péssimo sinal de celular. Ao receber a ligação ele imediatamente fez o diagnóstico e forneceu a medicação para malária.

Ficam duas questões: Se o diagnóstico tivesse ocorrido antes (na primeira ou segunda ida ao médico), nada disso teria acontecido. Mas se o diagnóstico não tivesse

ocorrido no domingo, provavelmente eu não estaria vivo.

Visitas: cuidados e alegrias

Minha esposa, sem dúvidas, cuidou incondicionalmente de mim, vencendo todos os obstáculos possíveis e até os impossíveis. Familiares (filhos, pais, tios/tias, primos/primas e outros parentes de minha esposa), amigos da época da Universidade, da época de infância/juventude, amigos do vinho, amigos que são colegas de trabalho, da Ufes e da Fapes, amigos conquistados recentemente em São Mateus e outros espaços na sociedade e até amigos de amigos.

Tive a alegria de dormir com muito deles. Visitas e cuidados por toda a noite ou a tarde e manhã, nos horários de visitas. Também tive conhecimento da grande mobilização em campanha de doação de sangue. Fui notícia nos principais meios de comunicação na época.

Visitas dos meus filhos na UTI

Em certa ocasião, em plena fase de recuperação, mas ainda cheio de fios ligados aos aparelhos, eu recebi as visitas dos meus três filhos. Muita alegria e contenção de choro, afinal tinha que passar uma imagem de fortaleza, de que estava tudo bem. Foi muito bacana receber a visita deles, bacana também o hospital permitir a visita.

Meus filhos com os avós

Diversos dias em hospitais (primeiro em São Mateus e depois em Vitória). Na Capital, tive o acompanhamento integral da minha esposa e meus filhos per-

maneceram em São Mateus. Assim, meus pais ficaram tomando conta dos meninos, por mais de 30 dias. Nesses dias também contamos com apoio de outras pessoas.

Notícias em TV e reportagens escritas

Professor da Ufes é internado com malária após viagem à África.

Professor da Ufes está internado com malária após viagem à África.

Fábio Partelli, professor da Ufes, está em estado grave por infecção de malária.

Professor do ES é internado com malária.

Professor da Ufes é diagnosticado com malária após viagem.

Professor da Ufes é internado com malária após viagem de trabalho à África.

Pesquisador de conilon da Ufes é internado com malária após viagem à África.

Professor Fabio Partelli é diagnosticado com malária.

Professor Partelli, da Ufes, se encontra internado com malária depois de retornar de viagem à África.

Pesquisador da Ufes internado com malária precisa de doação de sangue.

Secretaria Estadual de Saúde monitora professor da Ufes internado com malária em São Mateus.

Simpósio de conilon em São Mateus é suspenso após organizador ser internado com malária.

Professor da Ufes hospitalizado com malária sinaliza melhora.

Após professor da Ufes contrair malária, saiba os sintomas e riscos da doença.

Internado há 30 dias com malária, professor da Ufes sai da UTI.

Professor da Ufes diagnosticado com malária recebe alta da UTI, mas segue internado.

Professor da Ufes que contraiu malária deixa a UTI.

Professor da Ufes com malária se recupera em hospital.

Professor da Ufes internado com malária recebe alta hospitalar.

Professor da Ufes diagnosticado com malária recebe alta do hospital.

Professor da Ufes de São Mateus internado com malária deixa hospital.

Professor da Ufes internado diagnosticado com malária recebe alta hospitalar.

Após mais de 30 dias internado com diagnóstico de malária, professor Fábio Luiz Partelli, da Ufes, recebe alta.

FAMÍLIA, AMIGOS E O APRENDIZADO

FAMÍLIA, AMIGOS E O APRENDIZADO

Dois atendimentos médicos pontuais, dois dias internado na UTI e veio o diagnóstico, seguido do tratamento. Com diagnóstico extremamente tardio os estragos já estavam grandes e generalizados. Tive insuficiência renal, anemia crônica, diversas micro hemorragias, inclusive no cérebro e olhos. Ou seja, entro em coma logo após o início do tratamento, num domingo à noite, num estado clínico extremamente delicado que permaneceu por quase uma semana. Graças a Deus e também a ciência e a pessoas, fui me recuperando, tendo estabilidade clínica. Sabiamente minha esposa providenciou minha transferência aérea para Vitória, para poder ter melhores cuidados. Tivemos o apoio de diversas pessoas em todo o processo, mas prefiro não listar nomes para não ser injusto com aqueles que eventualmente venha a esquecer.

Em Vitória fui identificado com infecção hospitalar, mais um problema para curar. Depois de dois ou três dias da chegada em Vitória eu sai do coma, mas antes disso diversas alucinações que foram marcantes e presentes nas lembranças até hoje, como o sequestro, as saladas de flores artificiais, o tratamento a ser obtido com os traficantes, tiroteio, tratamento da intoxicação, pesquisas e patente e a possibilidade de assassinato no hospital.

Com o tempo, minha melhora e diminuição da medicação, obtive aos poucos a lucidez, e passei a saber do grande sufoco que tinha passado e sentindo na pele a gravidade dos problemas atuais, mas tinha a certeza de que iria vencer. Estava bem debilitado, fazia hemodiálise, transfusão de sangue, exames com frequência tendo

muitos incômodos. No meio de toda essa confusão tive muitas alegrias, como ajuda e visita frequente de minha esposa e de muitos amigos e familiares. Muito bom saber que tinha/tenho muitos amigos e uma família que me ama muito.

Não poderia deixar de destacar uma das maiores alegrias: foi voltar a urinar. Outro alívio foi saber que não iria perder o braço direito. Passei a ter conhecimento que tenho alergia de alguns medicamentos como bromoprida, penicilina e procaína. Por fim, um grande sufoco, aprendizado, agradecimento a Deus e a todos, pois a vitória foi alcançada.

Ficou o aprendizado, que são muitos, e muitos já conhecidos anteriormente. Para ser breve irei destacar apenas sete:

- **Segura na mão de Deus e vai;**
- **Valorize ainda mais a família e os amigos;**
- **Viva com maior leveza;**
- **Aproveite mais as coisas simples da vida;**
- **Queira e faça o bem a todos;**
- **Pense sempre positivo.**
- **Ao ir na África, passe repelente várias vezes ao dia.**

FOTOS GERAIS

Do sequestro à lucidez: um instante para o café.

Missões diversas em Moçambique





Do sequestro à lucidez: um instante para o café.



Livro de café de Moçambique



Do sequestro à lucidez: um instante para o café.

Paisagens e animais selvagens em Moçambique





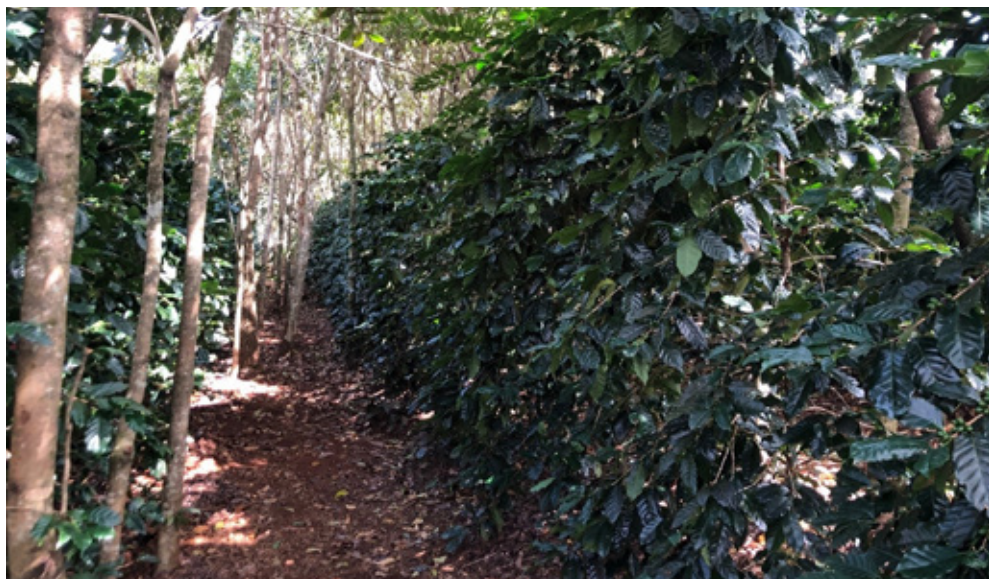
Do sequestro à lucidez: um instante para o café.



Missão ocorrida em agosto de 2022



Do sequestro à lucidez: um instante para o café.



Os ratinhos





Fábio Luiz Partelli

Desde criança, de forma alegre e voluntária trabalhou no campo. Dos 6 aos 10 anos estudou em escola no campo, depois, dos 10 aos 18 anos em Escola Família Agrícola. Engenheiro Agrônomo (2002), Mestre e Doutor (2004/2008), com parte do doutorado realizado em Portugal. É professor Titular da UFES. Publicou mais de 240 artigos científicos. Publicou/organizou 33 livros, 70 capítulos de livros e registrou sete cultivares de café. Concluiu a orientação de 35 trabalhos de Iniciação Científica, 24 de Mestrados e 8 de Doutorado. Foi coordenador do PPGAT/UFES (2014 a 2018) e Diretor de Pesquisa da UFES (2018 a 2024). Organizador geral do 1º ao 13º Simpósio do Produtor de Conilon e do 1º e 2º Simpósio de Pesquisas e Tecnologias em *Coffea canephora*. Bolsista Produtividade do CNPq, nível 1.

ISBN: 978-65-01-61146-4

